

FRANCISCO BRANCO, COORDENADOR REGIONAL DO SEP

Enfermeiros ganham menos e especialistas não são valorizados



EMFERMAGEM Greve prolonga-se até sexta-feira

O coordenador do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses nos Açores, Francisco Branco, critica o "desrespeito" e a "discriminação" do Governo da República para com a classe.

Os enfermeiros iniciaram ontem uma nova greve nacional, que decorrerá até sexta-feira, depois de terem recorrido a esta medida dois dias na semana passada. O que vos leva a insistir no protesto?

Os dias de greve desta semana fazem parte de um todo, ou seja, quando foi decretada a greve já incluía estes dias. A pausa tem a ver com questões dos Tribunais Arbitrais sobre o entendimento de greves de "longa duração" e a obrigatoriedade de assegurar serviços mínimos. Contudo, a pausa também serviria para o Ministro da Saúde tomar a iniciativa de se aproximar das nossas reivindicações, o que não aconteceu (nem podia, foi substituído). Não se trata de insistir, mas apenas de continuar um processo reivindicativo em crescendo.

O que faz com que os enfermeiros sejam mais prejudicados do que outras classes profissionais?

São mais prejudicados por dois motivos: Comparados com outras classes profissionais da saúde com idêntica responsabilidade no processo de produção de cuidados de saúde, ganham menos (têm uma grelha salarial inferior) e os enfermeiros habilitados com o título de especialista (por exemplo, parteiras) ganham o mesmo que os enfermeiros generalistas. Têm funções e responsabilidades acrescidas que não são consideradas no seu vencimento.

Ao todo, já se contabilizam mais de 100 dias afetadas por greves no setor em 2018. Os enfermeiros mantêm uma adesão elevada a estas manifestações ou o peso da perda de dias de rendimento já começa a pesar na decisão?

De facto o peso dos dias de greve já começa a fazer-se sentir nos níveis de adesão, mas quando em plenários são discutidas e decididas formas de luta, não surgem alternativas à greve. Por muitas voltas que se dê, a greve continua ainda a ser o meio mais eficaz de criar pressão para obrigar a entidade patronal a negociar melhores condições de desenvolvimento profissional. A forma como esta greve foi organizada já demonstra preocupação com as perdas remuneratórias. Nem todos os enfermeiros fazem greve todos os dias, foi criada uma alternância entre serviços de internamento, blocos operatórios e centros de saúde.

Acredita que valerá a pena o sacrifício? Está confiante de que as vossas reivindicações serão aceites?

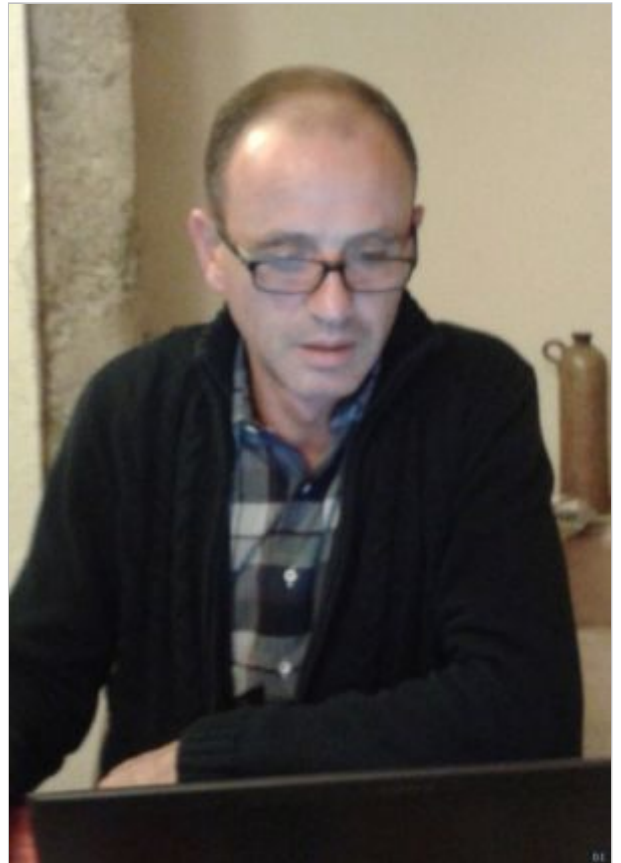
Acredito, caso contrário não estaria a ocupar o cargo que ocupo nem iludiria os colegas. Não é uma questão de confiança, o descontentamento no seio da profissão é tão grande que não será possível aguentar a pressão por muito mais tempo. Ou a ministra apresenta soluções para alguns dos constrangimentos dos enfermeiros ou vamos ter o desprazer de assistir a fenómenos como os que aconteceram no verão do ano passado. A radicalização das formas de protesto não abona a favor de ninguém, muito menos dos utentes, mas não podemos continuar a permitir tal desrespeito e discriminação por parte do Governo. O que estamos a exigir tem fundamento e até o próprio Governo já reconheceu publicamente que eram justas as reivindicações dos enfermeiros.

É expectável que existam mais greves até ao final do ano?

Ao contrário do que possa parecer, o objetivo do Sindicato dos Enfermeiros é que não seja necessário fazer greves. Contudo, e em função do desenvolvimento do processo negocial, poderão ocorrer novos processos reivindicativos incluindo greves.

Sentem que a população está solidária com a vossa luta?

Sempre que explicamos os nossos motivos aos utentes eles percebem (a profissão de enfermagem é das que maior proximidade tem com os doentes), mas admito que existam cidadãos incomodados com as greves, seria hipocrisia da minha parte não admitir que uma greve de enfermeiros não causa transtornos.



*"Peso dos dias de greve
já se nota na adesão"*